



O que as pesquisas recentes revelam acerca das identidades de gênero, de raça e de sexualidade nas aulas de língua inglesa

What Recent Research Reveals about The Identities of Gender, Race and Sexuality in English Language Classes

Aparecida de Jesus Ferreira
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Rosana Aparecida Ribeiro de Sene
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Resumo

O presente artigo traz reflexões dos estudos realizados no Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade. As reflexões trazidas aqui são pertinentes ao estudo da linguagem, no que se refere à língua estrangeira, especificamente ao inglês. O objetivo deste artigo é averiguar o que as pesquisas recentes revelam sobre as identidades de gênero, de raça e de sexualidade nas aulas de língua inglesa, buscando compreender como a língua inglesa pode colaborar na desconstrução de estereótipos, preconceito e racismo em relação às identidades de gênero, de raça e de sexualidade existentes na sociedade. A pesquisa responde a seguinte pergunta: O que as pesquisas recentes revelam sobre as identidades de gênero, de raça e de sexualidade e as aulas de língua inglesa? O referencial teórico utilizado para dar suporte a pesquisa forma os referenciais na área linguagem e intersecção com raça, gênero e sexualidade, sendo Scott (1995), Louro (1997, 2007, 2013), Moita Lopes (2002), Auad (2003, 2006), Butler (2010), Garcia (2011), Melo (2015) Ferreira (2006, 2012, 2015), Hall (2011), Silva (2013), Cruz (2015), Nelson (2015), Dias e Mastrella-de-Andrade (2015). A metodologia utilizada neste estudo foi a pesquisa bibliográfica. Os resultados da investigação revelam a falta de estudos nas questões de gênero, de raça e de sexualidade e língua inglesa, pois as pesquisas recentes encontradas apresentaram os referidos temas em outras áreas de estudo e com pouca relação com a língua inglesa. Assim, podemos concluir a necessidade de pesquisas que abordem as questões de gênero, de raça e de sexualidade no campo de ensino/aprendizagem de língua inglesa. Trabalhar dessa forma poderá colaborar na desconstrução dos estereótipos em sala de aula, do discurso de educadoras/es e estudantes no que se refere às relações de poder, desestabilizando a composição do binarismo: homem/mulher, negra/o/branca/a, heterossexual/homossexual, e auxiliando os sujeitos a utilizarem a linguagem para colaborar na construção de uma sociedade mais humana e digna para todas as pessoas.

Palavras-chave: Identidades. Gênero. Raça. Sexualidade. Língua Inglesa.



Abstract

This article discusses studies carried out in an MA course in Language, Identity and Subjectivity. The discussion is pertinent to the study of foreign languages, and more specifically, English. The purpose of this article is to investigate what recent research reveals about the identities of gender, race and sexuality in English language classes, in an attempt to understand how the English language can collaborate in the deconstruction of stereotypes, prejudice and racism in relation to the identities of gender, race and sexuality in society. The theoretical references used to support the research are studies in the area of language and its intersection with race, gender and sexuality, such as Scott (1995), Louro (1997, 2007, 2013), Moita Lopes (2002), Auad (2003, 2006), Butler (2010), Garcia (2011), Melo (2015) Ferreira (2006, 2012, 2015), Hall (2011), Silva (2013), Cruz (2015) and Dias & Mastrella-de-Andrade (2015). The methodology that was used was bibliographical research. The results of the research reveal the lack of studies about gender, race and sexuality in relation to the English language. Recent research has presented these themes in other areas of study but there has been little published in relation to the English language. We conclude that there is a need for research that addresses the issues of gender, race and sexuality in the field of English language teaching/learning. Working in this way can contribute to the deconstruction of stereotypes in the classroom and also in the discourse of educators and students in relation to power relations; destabilizing binary male/female, black/white, heterosexual/homosexual attitudes and helping individuals to use language to construct a more humane and dignified society for all.

Keywords: Identities. Gender. Race. Sexuality. English Language.

1 INTRODUÇÃO

Questões de gênero, de raça e de sexualidade no contexto brasileiro ainda são polêmicas, complexas e desconfortáveis (FERREIRA, 2012; LOURO 2013; MELO, 2015), pois vistas ainda como tabus (FERREIRA, 2012; SILVA, 2014), são tratadas, na maioria das vezes, de forma essencializadas e estereotipadas (TÍLIO, 2012) por algumas pessoas, principalmente no contexto escolar. Pesquisas têm demonstrado a necessidade de tratar esses temas no ambiente educacional (FERREIRA, 2012, 2015; GIESEL, 2012; FREITAS; PESSOA, 2012; CAVALLEIRO, 2014; SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2014; CRUZ, 2015; NELSON, 2015; MELO, 2015) como possibilidade de se repensar, desconstruir e reinventar as normas sobrepostas para as identidades de gênero, de raça e de sexualidade, numa tentativa de colaborar para a construção de uma sociedade mais inclusiva, acolhedora e democrática, na qual as diferenças sejam vistas e compreendidas como fonte de enriquecimento social, e não como a causa de sofrimento, de violência e de exclusão (CAVALLEIRO, 2014; FERREIRA, 2015; MELO, 2015; MELO; MOITA LOPES, 2014; NELSON, 2015).

Dessa forma, se torna relevante refletir no ensino de língua inglesa em sala de aula, conforme defende Melo (2015), haja vista que, ao ensinarmos inglês, estamos agindo na vida social e coconstruindo pessoas e práticas sociais. Contudo, também, ao se fazer isso, cristaliza-se a linguagem, naturalizando discursos, em uma emergente possibilidade de (re)pensarmos, (des)construirmos e (re)inventarmos maneiras de desenvolver o trabalho escolar, com consciência de que não há neutralidade na linguagem e nas práticas pedagógicas (FURLANI,



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018. 2013; LOURO, 2013; SALEH, 2014; MELO, 2015). Se faz necessário, então, compreender que as salas de aula estão sendo, cada vez mais, habitadas por pessoas diversas. Assim sendo, torna-se necessária a observação de quais discursos estão sendo (re)forçados e naturalizados nesse meio, no qual, em muitos momentos, podem gerar desconforto, exclusão, violência e sofrimento para aquelas e aqueles envolvidas/os no trabalho escolar.

Com isso, o impacto de se perceber diante de identidades "deslocadas" e "descentradas" causa insegurança e instabilidade entre as identidades tradicionais e as identidades modernas, pois "as velhas identidades que eram tidas como estabilizadas, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, o qual, até aqui era visto como um sujeito unificado, mas que agora, vem tendo suas identidades transformadas continuamente" (HALL, 2011, p. 07).

Dessa maneira, é possível compreender, conforme algumas pesquisas (LOURO, 1997, 2000, 2013; MOITA LOPES, 2002; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2002; BUTLER 2010; HALL, 2011; SALIH, 2013; SILVA, 2013; WOODWARD, 2013; DIAS; MASTRELLA-de-ANDRADE, 2015), que as identidades não são fixas, não são biológicas, mas são construídas socialmente, são instáveis e estão em constante processo de formação, transformação e (des)construção o tempo todo de nossas vidas. Assim, causam impacto e estranheza para aquelas pessoas de (con)vivência tradicional, mas também, ao mesmo tempo, possibilitam uma melhor (con)vivência social para aquelas pessoas que assumem suas identidades modernas de gênero, de raça, de sexualidade, de etnia, de nacionalidade, entre outras.

Dessa maneira, a língua, ao ser ensinada, pode ser vista como um instrumento para a prática social (FERREIRA, 2006), ou seja, a língua como instrumento para questionar e problematizar as normas e os costumes que formam a sociedade. Em vista disso, a sala de aula de línguas é, essencialmente, um espaço em que se aprende línguas para construir significados (MOITA LOPES, 2002), para ir além do binarismo, com perspectivas de utilizar a língua para compreender o contexto social, político e ideológico no qual as/os estudantes estão inseridas/os, ou seja, a língua inglesa no processo de ensino-aprendizagem para além do conceito de língua como código, a qual possa ser utilizada de maneira contextualizada, mostrando também histórias locais e globais das pessoas (MELO, 2015). Um ensino assim conduzido pode romper com o preconceito, com o racismo e com o estereótipo presentes, às vezes, nas práticas de comunicação contra certos grupos de identidades menos visibilizadas, tanto no ambiente escolar, quanto na sociedade.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

Diante desse breve esboço, este artigo estrutura-se da seguinte maneira: a primeira seção tematiza a (des)construção das identidades; a segunda seção aborda as questões de gênero e de sexualidade; a terceira seção tematiza as questões de raça; a quarta seção, por sua vez, apresenta os aspectos metodológicos da pesquisa; a quinta seção é destinada à apresentação de um panorama das pesquisas recentes e o elas revelam a cerca das identidades de gênero, de raça e de sexualidade nas aulas de língua inglesa; por fim, na sexta seção, são tecidas as últimas considerações.

1 (DES)CONSTRUINDO AS IDENTIDADES

A cada dia, se torna mais complexo vivenciar as identidades, as quais as pessoas assumem rompendo barreiras e fronteiras, antes não ultrapassadas. A referência que se faz neste texto são às identidades de gênero, de raça e de sexualidade, as quais se tornam a cada dia mais vivíveis e desafiadoras, trazendo à tona questões de coragem, de ousadia e dediferença, por um lado, e de outro, as questões de violência, de preconceito, de racismo e de esteriótipos, quando são vividas publicamente. Enquanto essas identidades se encontram camufladas, silenciadas e internalizadas, não há desconforto, não há problema. Todavia, quando são expostas publicamente, sustentadas pela diferença, surge a exclusão (WOODWARD, 2013), tanto por meio de sistemas simbólicos de representação, quanto por meio de formas de exclusão social.

A tentativa de exclusão das identidades vistas como "diferentes" daquelas consideradas "normais" tem conexões diretas com as relações de poder (BUTLER, 2010; SALIH, 2013; SILVA, 2013; WOODWARD, 2013), ou seja, "os participantes estão posicionados em relação de poder que definem como podem agir em relação a alguém e vice-versa. Contudo, essas relações de poder não são fixas e podem ser contestadas" (MOITA LOPES, 2002, p. 93). Dessa forma, compreender que as identidades estão relacionadas com as questões de poder se faz importante para incluir novas possibilidades identitárias (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2002), superando o caráter construído de "natural" para a identidade masculina, branca, heterossexual, supostamente considerada como uma identidade sólida, permanente, de referência confiável (LOURO, 2013).

Essas controvérsias em relação às identidades são decorrentes pela maneira como os sujeitos foram construídos socialmente. Ou seja, "o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado: composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas" (HALL, 2011, p.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

10). Com isso, o impacto de se perceber diante de identidades "deslocadas" e "descentradas" causa insegurança e instabilidade entre as identidades tradicionais e as identidades modernas. Conforme pontua Hall (2011), as velhas identidades, que eram tidas como estabilizadas, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, o qual, até aqui, era visto como um sujeito unificado, mas que vem tendo suas identidades transformadas continuamente. Dessa forma, a identidade, como destaca o autor,

se torna uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 2011, p. 10).

A afirmação anterior proporciona a compreensão de que as identidades estão em constante processo de formação, transformação e (des)construção o tempo todo de nossa vida, e que elas não são fixas, não são biológicas, mas são instáveis, construídas socialmente (HALL, 2011; LOURO, 1997; MOITA LOPES, 2002; DIAS; MASTRELLA-de-ANDRADE, 2015), causando impacto, estranheza, para aquelas pessoas de (con)vivência tradicional, mas também, ao mesmo tempo, possibilitando melhor (con)vivência social, para aquelas pessoas que assumem suas identidades modernas, de gênero, de sexualidade, de raça, de etnia, de nacionalidade, entre outras, com o direito de viver plenamente sua cidadania.

2 QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

Compreender as identidades de gênero, de raça e de sexualidade se faz importante para colaborar na construção de uma sociedade mais humana e digna para todas as pessoas, pois permitirá a desconstrução e a desnaturalização do senso comum no tocante à identidade masculina, branca, heterossexual, associada como "normal", considerando as demais identidades como "anormal", trazendo a público as múltiplas formas de ver e de viver a vida (LOURO 2009), de forma a transgredir os limites, ir além das fronteiras ou limites estabelecidos por uma ordem, ou lei, ou convenções (FREITAS 2012).

Dessa forma, assumir viver a plenitude das identidades de gênero, de raça e de sexualidade é transgredir a norma, é questionar e destabilizar as certezas dos modos de viver tidos como naturais e cristalizados, construído de maneira homogênea para abarcar sujeitos unitários, unidimensionais e descorporificados (MOITA LOPES; FABRÍCO, 2002). Em vista



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

disso, compreender os sujeitos na dimensão de gênero, de raça e de sexualidade contribui para análises mais completas sobre as práticas sociais (MELO, 2015), principalmente no que se refere à linguagem, especificamente no tocante ao ensino-aprendizagem de língua inglesa.

Assim, se faz importante compreender alguns aspectos das identidades de gênero, de raça e de sexualidade para uma melhor compreensão dos sujeitos em relação às práticas sociais, à linguagem e ao ambiente escolar. No que se refere a gênero, a compreensão está diretamente relacionada aos movimentos feministas (LOURO, 1997; AUAD, 2006), o qual pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, contra as ordens masculinas, as quais eram opressoras, dominadoras e exploradoras em relação a tudo que se referia ao feminino (AUAD, 2003; GARCIA, 2011). O que ocorria era associar às mulheres como frágeis, passivas, meigas, e aos homens atributos como força, coragem, agressividade, estabelecendo maneiras de como mulheres e homens deveriam viver suas vidas, quais posições sociais deveriam ocupar na sociedade. Enfim, estabeleceu-se a organização da sociedade para mulheres e para homens em todos os âmbitos sociais, considerando o sexo anatômico das pessoas, como base de classificação binária (AUAD, 2006). Classificação essa, utilizada como justificativa para a subordinação das mulheres na sociedade.

No entanto, o movimento feminista se fortaleceu por meio da organização das mulheres, as quais reivindicaram o direito ao voto e ao acesso à educação (AUAD, 2003; GARCIA, 2011). Contudo, foi com a obra de Simone de Beauvoir, "Segundo Sexo", em 1949, que o movimento feminista ganhou novas bases teóricas para uma nova etapa. A obra menciona que a humanidade é masculina, e que "o homem é pensável sem a mulher. Mas ela não, sem o homem", e que "ela (a mulher) se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente" (BEAUVOIR, 1970, p. 10). As afirmações da autora destabilizaram a sociedade no que se estabelecia para as mulheres.

No Brasil, foi final dos anos 80 que as feministas passam a utilizar o termo "gênero", com o artigo "Gênero: uma categoria útil de análise histórica", de Joan Scott. Nesse artigo, Scott (1995) menciona que o termo "gênero", além de um substituto para o termo mulheres, também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Afirma Scott (1995) que o feminino e o masculino não são fatos biológicos, mas construções culturais, em que se valorizou mais quem arriscava a vida, que é o que os homens faziam nas guerras e nas conquistas de novos territórios, do que quem lhes dava a vida, que é o que faziam as mulheres com seu poder de conceber (GARCIA, 2011; BEAUVOIR, 1970; LOURO, 1997; SCOTT, 1995). Dessa forma, as mulheres enfrentam a sua invisibilidade (GARCIA, 2011) com a



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

consciência determinada de que não se tratava de problemas individuais, mas de experiências de opressão e de violência coletiva contra a vida feminina.

Em seguida, pesquisas desenvolvidas nas questões de gênero (WEEKS, 2000; PARKER, 2000; LOURO, 2009; SALIH, 2013; BUTLER, 2010) vêm demonstrando que gênero é independente de sexo, ou seja, gênero e sexo são culturalmente construídos (WEEKS, 2000; PARKER, 2000; LOURO, 2009; SALIH, 2013; BUTLER, 2010), afirmando que as identidades sexuais podem viver a sua sexualidade com parceiras/os do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiras/os, envolvendo rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções, envolvendo processos profundamente culturais e plurais. Já as identidades de gênero se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos (LOURO, 1997, 2000, 2007).

Entretanto, a teoria queer, a qual tem a definição de "estranho", "raro", "esquisito", ou seja, "queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina" (LOURO, 2013, p. 8), desestabiliza o que estava supostamente definido para as identidades como binárias. Traz a afirmativa de que as identidades sexuais vão além da heterossexual feminina e masculina. Demonstra que não há uma relação necessária entre corpo e gênero, ou seja, é possível existir um corpo designado como "fêmea" e que não exiba traços geralmente considerados "femininos", assim também com um corpo designado como "macho" e que não exiba traços geralmente considerados "masculinos". Em outras palavras, é possível ser fêmea "masculina" ou macho "feminino" (BUTLER, 2010; SALIH, 2013).

Dessa forma, buscar fixar as identidade é colaborar com a exclusão daquelas sexualidades que não sejam heterossexuais. Uma vez que novas formas de relacionamentos e estilos de vida vêm surgindo, devido ao desenvolvimento de novas tecnologias reprodutivas, as quais possibilitam formas de gerar, nascer, crescer, amar ou de morrer, ameaças da Aids, práticas sexuais virtuais, uniões afetivas e sexuais estáveis com sujeitos do mesmo sexo, essas relações se tornam cada vez mais visíveis e rotineiras (LOURO, 2000), trazendo modificações e transformações ao que estava pré-supostamente fixo e estável no tocante aos relacionamentos e às constituições familiares.

3 QUESTÕES DE RAÇA

No que se refere às questões de raça, é importante entender o conceito de raça para desconstruir certas ideias de preconceito e racismo, ainda presentes em nosso meio social. Em



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

alguns momentos, algumas pessoas consideram que não haveria necessidade de conceituar raça, porque consideravam que se vivia em um país livre do racismo racial. Não obstante, pesquisas demonstram que a existência do racismo ainda se encontra arraigada em nossa sociedade (CAVALLEIRO, 2014; SILVA; TEIXEIRA; PACÍFICO, 2014; FERREIRA, 2006, 2012, 2015; ROCHA; JÚNIOR, 2013, MELO; MOITA LOPES, 2014; MELO, 2015). Os resultados das pesquisas mencionadas são de que há necessidade de se problematizar as questões de raça na escola e na sociedade em geral, haja vista que as situações de preconceito racial desencadeiam uma série de exclusões e de consequências, principalmente para as pessoas negras.

No Brasil, atualmente, a identidade racial negra ainda é motivo de racismo e preconceito. Mesmo com as discussões e conquistas dos Movimentos Sociais Negros, o país ainda enfrenta uma dura batalha contra o preconceito racial (AZEVEDO, 2012; FERREIRA, 2012, 2015; CAVALLEIRO, 2014; CRUZ, 2015, DIAS; MASTRELLA-de-ANDRADE, 2015), em que as crianças negras enfrentam várias lutas para construir uma imagem positiva de si, começando pelas interpelações ideológicas da sua própria família, as quais são fortemente atreladas à "ditadura" do embranquecimento, devido aos estereótipos atribuídos ao negro vividos no tempo da escravização.

Dessa forma, é fundamental que a questão da identidade racial negra seja trazida para a discussão em sala de aula, levando em consideração o número de estudantes que passam pelo processo de embranquecimento e os que se autotransformam como brancos/os, mesmo tendo mães/pais que são afro-descendentes (FERREIRA, 2012). Para Dias e Mastrella-de-Andrade,

as identidades de classe e de raça são, assim, parte de um sistema de exclusão social no Brasil, ocasionando "impossibilidade de acesso aos bens materiais e culturais produzidos pela sociedade, e de participação na gestão coletiva do espaço público - pressuposto da democracia". Por esse motivo, já se disse que, na prática, o Brasil não é uma sociedade regida por direitos, mas por privilégios. (DIAS; MASTRELLA-de-ANDRADE, 2015, p. 98).

Diante disso, compreende-se que a cor da pele tem o poder de inclusão ou exclusão (CRUZ 2015), na grande maioria dos ambientes da sociedade, de forma a abrir e/ou fechar portas para o acesso cultural, intelectual, profissional. A discriminação racial ocorre em função de uma inferioridade negra, apoiada num imaginário no qual o "negro", ainda aparece como feio, maléfico ou incompetente (BENTO 2002), ideia essa herdada do período escravocrata, e que ainda permanece nos dias de hoje. Esse discurso traz sérias consequências para a vida das pessoas negras, como racismo, preconceito, discriminação racial, baixa autoestima. Todas



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

essas consequências acabam, muitas vezes, ferindo a pessoa negra de uma maneira muito agressiva (MELO; MOITA LOPES, 2014; MELO, 2015), marcando suas vidas para sempre.

Hall (2011) menciona que "raça" não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica. A raça é uma categoria discursiva e não uma categoria biológica, ou seja, ela é uma categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos), utilizadas frequentemente para especificar as características físicas e corporais (cor da pele, textura do cabelo), como marcas simbólicas, a fim de diferenciar socialmente um grupo do outro, ou seja, "raça", também se faz pelo viés da construção social e historicamente construída, de maneira que aprendemos na sociedade e na cultura, a qual estamos inseridas/os a observar e a classificar as pessoas pelas diferenças (GOMES, 2005; FERREIRA, 2015).

Isso colabora, muitas vezes, para manter certa hierarquia conforme as questões de gênero, de raça, de sexualidade, imbricadas com questões de classe, relacionadas com as dimensões de poder, ou seja, as construções sociais que são feitas sobre determinados grupos, e que foram sendo construídas socialmente e historicamente, possibilitam que um grupo de pessoas tenham privilégio sobre outros grupos de pessoas, (FERREIRA 2014), sendo esses privilégios perpassados pelas questões de gênero raça, de sexualidade e de classe.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para elaboração deste artigo, a metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica, com levantamento no sítio eletrônico disponível no endereço <<http://bdtd.ibict.br/>>, da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, no mês de junho de 2016. O enfoque da investigação foi dado às pesquisas relacionadas às identidades de gênero, de raça e de sexualidade e o ensino e a aprendizagem de língua inglesa realizadas nos últimos 5 anos. Foram quatro buscas realizadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, utilizando-se as seguintes palavras para a primeira tentativa: "identidades" + "gênero" + "raça" + "sexual" + "língua inglesa". Após a busca, não obteve-se nenhuma dissertação de mestrado e tese de doutorado. Em seguida, foram utilizadas as seguintes palavras para a próxima tentativa: "identidades" + "gênero" + "raça" + "sexual" + "língua estrangeira", obtendo como resultado 2 dissertações de mestrados do ano de 2013, intituladas: "Identidades sociais de classe, gênero e raça/etnia representadas no livro didático de espanhol como língua estrangeira", produzida por Jaqueline da Silva Barros, e "Construção de identidades no livro



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.
didático de língua estrangeira: uma perspectiva crítica", cuja autoria é de Marcelo Souza Santos.

Para a terceira tentativa, foram utilizadas as seguintes palavras: "identidades" + "gênero" + "raça" + "sexual" + "escola", obtendo o seguinte resultado: 3 dissertações de mestrados e 1 tese doutorado. As dissertações se intitulam: "Mulheres e educação: gênero, raça e identidades", produzida por Aparecida Suelaine Carneiro (2015), "Trabalho docente de mulheres em Goiânia-GO", defendida por Daisy Luzia do Nascimento Silva Caetano (2014), e "Glee: uma transmedia storytelling e a construção de identidades plurais", cuja autoria é de Roberto Carlos Santana Lima (2013). A tese de doutorado encontrada intitula-se "Será que eu tô gostando de mulher?: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista", produzida por Lívia Gonsalves Toledo.

Na quarta e última tentativa foram utilizadas as seguintes palavras: "gênero"+"raça"+"sexual" +"língua inglesa", obtendo como resultado nenhuma dissertação de mestrado e tese de doutorado. Os resultados da busca foram descritos na seção subsequente. O levantamento foi feito com base nas pesquisas realizadas e defendidas nos últimos cinco anos, de 2012 a 2016.

5 O QUE AS PESQUISAS RECENTES REVELAM A CERCA DAS IDENTIDADES DE GÊNERO, DE RAÇA E DE SEXUALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

Nesta seção, apresenta-se o resultado do levantamento das pesquisas realizadas e defendidas entre os anos de 2012 a 2016, com enfoque nas identidades de gênero, de raça, de sexualidade e o ensino e a aprendizagem das aulas de língua inglesa, no sítio eletrônico: <<http://bdtd.ibict.br/>>, da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, no mês de junho de 2016.

A primeira dissertação de mestrado, "Identidades sociais de classe, gênero e raça/etnia representadas no livro didático de espanhol como língua estrangeira" (BARROS, 2013), teve como objetivo analisar a maneira como o livro didático "Espanhol em Marcha" constrói identidades de falantes de espanhol para o contexto de ensino e de aprendizagem de línguas. A autora utilizou a metodologia da pesquisa documental e a Análise do Discurso Crítica, por meio da perspectiva tridimensional, a qual contempla o discurso como prática textual, como prática discursiva e como prática social, incluindo análises de imagens. Os resultados foram que a relação de poder que opera na construção das identidades continua a legitimá-las de forma



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

a contribuir para a promoção de ideologias dominantes (hegemônicas). Nesse sentido, a análise demonstrou que o discurso dos autores do livro em questão refere-se ao espanhol falado pelos nativos da Espanha como língua de prestígio (poder simbólico) e a Espanha como centro do mundo. De acordo com as características físicas apresentadas pela maioria das fotografias de pessoas representadas no livro didático, esse estudante é branco e possui alto poder de aquisição e pode viajar de férias para conhecer outros países.

A pesquisa de Barros (2013) também revela que os atores sociais apresentados no livro analisado pertencem predominantemente à classe média alta, desconsiderando as demais classes. O que se percebe é que os espanhóis destacam mais os lugares por eles colonizados, demonstrando, assim, uma certa herarquia de poder e de submissão. A consequência disso é o predomínio hegemônico da cultura europeia, diante da qual os outros são construídos como fora do padrão. Nesse sentido, pode-se observar que a identidade nacional do Brasil se constitui como forma de unificação gerada pela padronização remetida ao estudante brasileiro de espanhol. No que se refere às análises das imagens, o resultado mostrou a constituição heterogênea de identidades sociais e a análise dos textos via intertextualidade e escolhas lexicais possibilitou verificar as estratégias ideológicas empregadas pelos autores. Barros (2013) conclui que as escolhas feitas pelos autores do livro analisado são intencionais e que têm como objetivo ressaltar o colonialismo eurocentrista.

Dessa forma, se torna prudente mencionar que o fato da identidade branca ser melhor representada no livro didático analisado por Barros (2013) se reforça em nossa sociedade a "norma que se estabelece, historicamente, de que o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã, passa a ser a referência que não precisa ser mais nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornaram "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência " (LOURO, 2000, p. 12), e as demais identidades serão vistas como "diferentes" e deslegitimadas não merecendo, portanto, a representatividade alguma.

Na segunda dissertação de mestrado encontrada, intitulada: "Construção de identidades no livro didático de língua estrangeira: uma perspectiva crítica" (SANTOS, 2013), teve como objetivo averiguar as identidades sociais dos falantes de inglês construídas no livro didático Interchange 3, de Língua Inglesa. O foco da investigação ocorreu nos diálogos e também nas ilustrações. O autor buscou compreender como as identidades são construídas em torno das questões relacionadas a gênero/sexualidade, raça/etnia e classe. A metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi o paradigma qualitativo com instrumentos metodológicos da Análise Crítica do Discurso.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

Os resultados encontrados por Santos (2013) demonstram que os falantes, no geral, são construídos/as como atores que dispõem de capital social alto da perspectiva de que suas relações são estabelecidas com pessoas que estão em posição maior de poder quanto a eles/as. No que se refere ao capital simbólico, os indicativos demonstram prestígio, reputação e fama, e para o capital cultural há acesso para os recursos e bens culturais (sotaques, atitudes) bem como artefatos (livros e qualificações) e instituições (universidades e associações profissionais). Por conta disso, Santos (2013) declara que os/as falantes dos diálogos do livro "Interchange 3" possuem capital cultural, em grande parte, associado ao capital econômico.

Em relação à representatividade das pessoas, o homem branco e a mulher branca são as identidades prestigiadas; ademais, o homem masculino branco e a mulher feminina branca investem no capital simbólico. Não obstante, existe a exclusão dos sujeitos como o homem feminino branco ou, ainda, a mulher masculina negra, e que o homem masculino negro é representado, mas a mulher feminina negra não. Entretanto, não podemos esquecer que no Brasil, de acordo com o censo de 2010 feito pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a população se divide em preta e parda (50,74%), sendo os negros/as brasileiros, Branca (47,73%), indígena (0,42) e amarela (1,09%) (FERREIRA 2014).

Sendo assim, a representatividade negra deveria se igualar à representatividade branca em todos os âmbitos da sociedade, principalmente no livro didático, não havendo justificativa para tamanha desigualdade. No que se refere à exclusão do homem feminino branco/negro e/ou da mulher masculina/feminina negra, o fato é decorrente da sociedade de um sistema binário dos gênero, acreditando que os corpos apenas devam ser reconhecidos como homem masculino e mulher feminina, tentando anular a existência de que seja possível corpos designando homem e masculino que possam significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher feminina, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2010), vindo na perspectiva de que o sujeito social é construído pela integração entre raça, gênero, sexualidade, classe e nível de escolaridade, (MELO, 2013) como acesso ao capital social, simbólico e cultural.

No que se refere à mulher negra, o Livro Interchange 3 não a apresenta nos diálogos. Santos (2013) atribuiu a esse fato a possível superioridade do homem sobre a mulher. Em relação às profissões/qualificações, por exemplo, o homem masculino branco e a mulher feminina branca aparecem representados no livro, ao passo que o homem masculino negro não é representado.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

As identidades são construídas todas de uma perspectiva homogênea. Nesse sentido, o discurso de mulheres, de homens, de brancos, de amarelos e de negros são construídos com acesso irrestrito ao capital econômico em proporções iguais. Dessa forma, Santos (2013) conclui que a “didatização” dos diálogos e a inserção de textos inautênticos podem implicar no acesso à representação dos fragmentos identitários, tal como a vida social real, seja de fato. Santos (2013) conclui por meio de suas análises que as identidades de gênero/sexualidade, raça/etnia e classe são construídas em torno de identidades hegemônicas tomadas como padrão. Também, constatou que as identidades sexuais além da heterossexual foram apagadas, e que a inclusão do negro é feita em torno de uma representação deteriorada.

No que tange às identidades de gênero/sexualidade, Santos (2013) concluiu que a heterossexualidade é a representação dos gêneros masculino e feminino, e que ela está atrelada à concepção biológica de corpos de homem e de mulher, respectivamente. Quanto às identidades de raça/etnia, destaca-se a representação da raça branca europeia sobre as demais enquanto que a identidade de etnia estadunidense está em posição hierárquica elevada. Dessa forma, muitos estudantes negros, e outros não brancos, homossexuais, chegam a perceber que a escola é o local onde elas/eles não podem ser “eles mesmos”, porque a sua cultura não é valorizada nas salas de aula, e não se encontra representada no livro didático (JORGE, 2014). Esse tipo de material está a todo momento enviando mensagens, ou seja, o currículo oculto atuando, de uma forma ou de outra, privilegiando um perfil hegemônico de sociedade, o qual faz pensar que somente pode ser “bem sucedido”, estar representando nos livros didáticos e fazer parte sociedade brasileira quem for branco, heterossexual e de classe média (FERREIRA, 2014), desconsiderando as demais identidades.

Assim, se torna relevante, “o professor utilizar a cultura dos alunos como um veículo para a aprendizagem. Os professoras/es que utilizam a pedagogia culturalmente relevante proporcionam aos alunos um currículo que se baseia em seu conhecimento prévio e em suas experiências culturais” (JORGE, 2014), possibilitando a construção positivamente das identidades de gênero, de raça e de sexualidade na sociedade.

A terceira dissertação de mestrado encontrada, “Mulheres e educação: gênero, raça e identidades”, (CARNEIRO, 2015), concentrou-se em compreender as escolhas profissionais de mulheres integrantes de cursos profissionais de nível médio, de escola pública da cidade de São Paulo, de forma a captar as motivações, os sentidos, os sonhos para a escolha profissional. A metodologia utilizada foi a História Oral, a qual possibilitou o acesso às lembranças e às experiências de vida de seis mulheres matriculadas em cursos técnicos. Carneiro (2015)



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

abordou o contexto histórico dos Movimentos Feministas e também mencionou as contribuições do Feminismo Negro, mostrando as desigualdades entre as mulheres a partir da cor/etnia, localização geográfica, renda, sexualidade, entre outros marcadores que subalternizam as relações sociais, o acirramento no mundo profissional e a difícil conciliação com a vida privada, ainda estruturada a partir dos papéis sociais de gênero.

Carneiro (2015) analisou as informações sobre a menor remuneração das mulheres no mercado de trabalho, assim como seu menor acesso às posições de comando, ficando as mulheres preferencialmente nos escritórios, enquanto homens vão para o campo, e para as obras. A pesquisa revela que há mudanças no âmbito educacional brasileiro devido à participação da mulher no Ensino Médio Profissional e no Ensino Superior, no entanto, a autora percebeu por meio dos relatos que os cursos considerados redutos masculinos revelam tensões provocadas em sala de aula pela presença feminina, de sexismo e de baixa expectativa de desempenho direcionados pelos docentes, que são na sua maioria homens, às mulheres. A pesquisa também revelou há escolhas que são feitas pelo viés de gênero, pois se direcionaram para profissões que consideravam mais femininas, sendo influenciadas, também, pela família, na qual a reprodução dos papéis sociais de gênero aparecem sendo reforçados principalmente pelas mães que alimentam e realimentam concepções sobre o lugar profissional e as responsabilidades domésticas, ou seja, "ter pênis ou ter vagina, ser menina, homem, mulher ou menino determina quais serão as informações utilizadas para organizar os sujeitos em uma desigual (e irreal) escala de valores" (AUAD, 2006, p. 21). Estabelece-se, assim, com tais discursos o lugar, a profissão, a posição política, econômica, , vida sentimental, padrões, enfim, estabelecendo como a vida social das pessoas deve se definir, de acordo com o seu sexo biológico.

Carneiro (2015) também revela que os cursos com maior participação feminina possuem também presença majoritária de docentes mulheres, e que aquelas que integram cursos considerados redutos masculinos vivenciam tensões provocadas em sala de aula pela presença feminina, como o sexismo e a baixa expectativa de desempenho vinda de seus docentes, na sua maioria homens. Ademais, certos atributos são considerados de acordo com o gênero como, por exemplo, fragilidade, passividade, meiguice, suavidade na voz, delicadeza para as mulheres; e agressividade, espírito empreendedor, força, aspereza na voz, coragem para os homens, como forma de diferenciação entre o feminino e o masculino. Mesmo que esses atributos causem uma série de consequências negativas para aquelas/es que não se "encaixam" em tais padrões denominados para mulheres e homens, a sociedade insiste em mantê-los.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

Outro fato que a autora percebeu foi que, das 6 participantes, somente duas expressaram a importância da atuação dos movimentos feministas para a realização de mudanças na sociedade, sendo que uma dessas se afirmava em favor das mulheres, e as demais não se percebem como feministas, desconhecendo o impacto do movimento nas estruturas socioeconômicas e políticas do país, assim como no nível ideológico. Isso pode decorrer do desconhecimento dos movimentos feministas e a todas as suas realizações, seja pelo fato de que as pessoas foram desinformadas sobre tal movimento social. O feminismo ao longo de sua história foi alvo de campanhas que fizeram com que a população, de modo geral, acreditasse que ele era um inimigo a ser combatido, e não um movimento social, que lutava pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres, buscando a igualdade para todos os seres humanos (GARCIA, 2011).

Carneiro (2015) menciona também que, no âmbito da educação, a desconstrução do imaginário social fundado em concepções de masculino e feminino, de superioridade e inferioridade, requer a persistência na construção de conhecimentos e novas práticas pedagógicas que contribuam para sua modificação. Ela declara que a necessidade de continuar produzindo pesquisas, estudos e análises sobre o tema, que tenham por finalidade gerar conhecimento capaz de realizar o princípio da igualdade de gênero, de raça e de sexualidade na educação brasileira, é de total importância.

A quarta dissertação de mestrado encontrada intitula-se "Trabalho docente de mulheres em Goiânia-GO" (CAETANO, 2014), a qual teve como objetivo compreender a especialização do trabalho docente de mulheres na rede estadual de ensino na cidade de Catalão, Goiás, a partir das condições de trabalho e da vida cotidiana das trabalhadoras. Adotando como método o materialismo histórico-dialético e a metodologia de pesquisa bibliográfica, quantitativa e qualitativa, realizou entrevistas com professoras convidadas de diferentes escolas. Nessa pesquisa, Caetano (2014) focalizou o trabalho docente de mulheres no ensino básico, de modo a contemplar a feminização da docência no ensino básico e no sistema educacional brasileiro como um todo, pois a maioria dos/as trabalhadores/as das escolas são mulheres, seja na sala de aula, na gestão, na administração, nos cargos técnicos, na limpeza e na conservação ou nos serviços de merenda/alimentação.

A pesquisa revela que o trabalho docente de mulheres na cidade de Goiânia corresponde à realidade nacional, apresentando altos índices de feminização e precarização. Isso demonstra que as atividades das professoras como cidadãs também são responsáveis pela (re)produção do espaço urbano da cidade e na condição de agentes desse processo as professoras o fazem de



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

forma dialética, obedecendo ao sistema, mas também em perspectiva emancipatória. É importante destacar que como resultado da divisão sexual do trabalho, à docência marca a vida das trabalhadoras como atividade feminizada. E sendo mulheres, elas já são oprimidas pelo patriarcado todos os dias, seja em casa com a família, no convívio social, pela grande mídia. Caetano (2014) revela que as relações de gênero estabelecidas por elas no cotidiano, que vão desde relações familiares, cuidados com filhos/as, machismo, homofobia, preocupação com vestimentas, execução de trabalhos domésticos, entre outros, juntamente com o trabalho precarizado, só tem piorado devido ao estabelecimento de políticas públicas que desvalorizam e adoecem o corpo docente.

Com o resultado da pesquisa, percebe-se que se faz urgente conhecer a luta dos Movimentos Feministas, o qual tem por objetivo maior liberar tanto as mulheres quanto os homens para uma vida autêntica e consciente, na qual homens e mulheres compartilhem o poder na sociedade, esclarecendo que o feminismo não combate aos homens, mas combate o machismo, sexismo e a desvalorização do seja feminino (AUAD, 2003).

A quinta dissertação de mestrado encontrada, intitulada: "Glee: uma transmedia storytelling e a construção de identidades plurais" (LIMA, 2013), é um estudo de caso do grupo de coral da série *Glee* na sua primeira temporada. Lima (2013) procurou mostrar por meio desse seriado como suas narrativas podem impactar para a derrubada de alguns pré-conceitos ao abordar alguns marcadores sociais como os de cor/raça, gênero, nacionalidades subalternas, deficiências, e outros, ainda considerados tabus, como a homossexualidade. Lima (2013) menciona que *Glee* é um seriado do tipo musical *comedy-drama* norte-americano, produzido e distribuído pela *20th Century Fox Television*. O ambiente de *Glee* é o de uma escola pública denominada *McKinley High School*, localizada na cidade de Lima, Ohio, nos Estados Unidos, que, por meio do *Glee Club*, uma atividade extracurricular, retrata a vida de jovens considerados como *losers*, desajeitados e fora da estética de uma sociedade tida como politicamente correta.

De acordo com Lima (2013), esses jovens fazem parte de uma minoria que navega pelos corredores cruéis da escola e que por causa dos colegas esforçam-se para melhorar nas aulas de canto, enquanto lidam com situações que envolvem problemas de relacionamento, sexualidade e questões sociais em geral como: gravidez, pais separados, deficiências, cor, gênero e até nacionalidades subalternas. O seriado constrói as possibilidades identitárias, dentro de um ambiente rígido e controlador como a escola, e interpreta as possibilidades a partir dos fundamentos teóricos que abordam as diferentes culturas, que aqui chamamos de



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.
identidades plurais. Lima (2013) acredita que por meios de *Glee: uma transmedia storytelling* pode-se impactar para a derrubada de alguns pré-conceitos.

A coleta de dados foi feita por meio da observação, uma vez se tratava material gravado, audiovisual. No entanto, o foco de análise foi as narrativas de alguns dos membros do *Glee Club*, com ênfase em Rachel, a filha do casal inter-racial gay; Kurt, o homossexual; e Finn, o típico machista que, além de participar do coral, também faz parte do time de futebol da escola em que estuda. Lima (2013) revela que a análise da primeira temporada de *Glee* lhe possibilitou refletir sobre pontos importantes na constituição dos sujeitos. Trata-se de uma realidade em que os protagonistas raramente se deixam abater, saindo da posição de sujeitos marginalizados não para o centro ou a zona de conforto, mas para um estado de juízo de valores com direitos que os levam a escapar de visões estereotipadas que geralmente são apresentados nesses programas televisivos, reforçando a identidade de jovens pertencentes a grupos minoritários existentes em uma escola.

Essa pesquisa vem de encontro ao que a teoria *queer* defende, uma vez, que em termos políticos, "queer" começa a surgir em espírito de luta expressando a necessidade de desvincular a sexualidade da reprodução, ressaltando a importância do prazer e a ampliação das possibilidades relacionais entre as pessoas (MISKOLCI, 2012). Portanto, "queer" não é uma defesa da homossexualidade, "queer" é a recusa dos valores violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os que são socialmente aceitos e os que são relegados à humilhação e ao desprezo coletivo (MISKOLCI, 2012). "Queer" pode ser traduzido como "estranho", "ridículo", "excêntrico", "raro", "extraordinário" e também é a forma pejorativa de se referir a um sujeito não-heterossexual, seria o equivalente, em português, a "viado", "bicha", "sapatão". "Queer" é também o sujeito da sexualidade desviante como o homossexual, bissexual, transexual, travestis, drags (LOURO 2009, 2013).

Pesquisas como de Lima (2013) colaboram para a desconstrução da violência, do preconceito, de estereótipos e de exclusão das identidades não heterossexuais, de forma que elas possam ser representadas, tanto quanto a identidade heterossexual, principalmente no ambiente escolar.

O último material encontrado se trata de uma tese de doutorado da área de Psicologia, a qual se intitula: "Será que eu tô gostando de mulher? tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista" (TOLEDO, 2013). O objetivo da tese foi problematizar como se articulam o desejo entendido como vontade de potência, e as tecnologias de normatização e opressão sobre pessoas de biocorpos femininos que vivenciam



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

o erotismo dissidente da heteronormatividade residentes no interior do Estado de São Paulo, na região da cidade de Assis. A metodologia utilizada foi a pesquisa Narrativa, com abordagem na produção de 10 Narrativas de Histórias de Vida de pessoas que se inserem nessa categoria existencial subalterna, com faixa etária variando entre 19 e 48 anos.

O foco das análises foram as instituições como a família e a escola, bem como nas formas e estratégias de ação dessas pessoas em um contexto dominado pelo regime heteronormativo. Toledo (2013) evidenciou as principais tecnologias de invisibilização e os principais modos de normatização e opressão que agem sobre a homoafetividade feminina. A autora menciona o principal ambiente no qual as mulheres de vivências homoafetivas vivem e são subjugadas, provocando grande sofrimento, é o familiar. Visto que a família a guardiã das normativas de gênero e sexualidade, esse espaço se torna um potencial lugar de controle, dominação e opressão. Isso se dá, sobretudo, no período da adolescência, quando as/os jovens se encontram na vulnerabilidade ampliada, devido aos seus corpos, tanto os corpos de mulheres masculinizados como feminilizados não estarem inseridos no mundo do trabalho, se tornando difícil para elas/eles se afastarem e superarem as situações de discriminação e de violência, em especial aquelas ocorridas dentro do âmbito familiar: quando sofrem homofobia familiar, estão submetidas financeiramente e afetivamente àqueles que as agredem.

Pesquisas como de Toledo (2013) nos possibilitam refletir que, diante de tais fatos, o papel da escola se torna mais comprometido, quando se trata de realizar ações nas quais as identidades de gênero, de raça e de sexualidade sejam visibilizadas. Desse modo, é possível compreender que em alguns momentos o local destinado ao acolhimento e à proteção das identidades de gênero, de raça e de sexualidade da violência, discriminação e homofobia, seja justamente o local que mais se discrimina e se condena: "a instituição familiar". Resta, então, apenas a escola para "empoderar" ou "compactuar" com inclusão/exclusão de tais identidades. Por isso, as/os professoras/es, principalmente de línguas estrangeiras, precisam lembrar de que o ensino e a aprendizagem das/os estudantes acontece em uma sociedade que está baseada em questões de gênero, de raça e de sexualidade (RYAN; DIXSON, 2015). Isso destaca a importância de se comprometer em desenvolver aulas de línguas, as quais possam servir de instrumento para a prática social na medida em que possibilitam construir significados ao que aprende.

Dessa forma, as/os estudantes podem encontrar nessas aulas um apoio importante para aprender a se defender da violência atribuída ao fato de assumir a identidade de gênero, de raça e de sexualidade em qualquer âmbito da sociedade, até mesmo no familiar.



7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar sobre as pesquisas recentes a cerca das identidades de gênero, de raça e de sexualidade nas aulas de língua inglesa possibilitou um aprofundamento em questões ligadas diretamente à vida social das pessoas, as quais fazem parte do processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, a língua inglesa. Com esse estudo, foi possível compreender que já não basta que a/o professora/or seja somente "conhecedora/or" e ou "dominadora/or" de conteúdo programático de uma certa disciplina, é preciso que elas/eles adotem posturas que possibilitem ir além desse campo técnico disciplinar, de modo a tornar o trabalho escolar, mais próximo dos anseios de um mundo estruturado na desigualdade (FREITAS; PESSOA, 2012). Se faz importante compreender que atualmente há uma "crise de identidade", nas quais as identidades que eram sólidas e bem estruturadas e internalizadas pelos sujeitos estão agora rompendo fronteiras com a globalização, com a política, com a economia, com as questões sociais e culturais (HALL, 2011), e os sujeitos vêm assumindo as suas identidades de gênero, de raça e de sexualidade. Isso ocasiona, em alguns momentos, o estranhamento e a violência contra essas identidades, especialmente quando elas são vividas publicamente.

Por isso, é importante compreender que as identidades não são fixas, elas estão sempre sendo (re)construídas e transformadas durante a vida dos sujeitos (HALL, 2011; LOURO, 1997; MOITA LOPES, 2002), conforme constatado nas pesquisas recentes publicadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD (<http://bdtd.ibict.br>), no mês de junho de 2016, apresentadas na seção anterior deste artigo.

Dessa forma, este artigo se propôs a investigar a seguinte pergunta de pesquisa: o que as pesquisas recentes revelam sobre as identidades de gênero, raça e sexualidade nas aulas de língua inglesa? Foi possível constatar que não há pesquisas que abordem os temas de gênero, de raça e de sexualidade em uma mesma pesquisa, levando em consideração o ensino-aprendizagem da língua inglesa. Porém, as pesquisas encontradas colaboram para melhor compreensão das identidades de gênero, de raça e de sexualidade em contextos, às vezes separados do ensino-aprendizagem da língua inglesa, às vezes dentro do processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa.

As pesquisas encontradas são de grande importância para compreender tais questões, porém, é importante desenvolver mais estudos que evidenciem as identidades de gênero, de



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

raça e de sexualidade, uma vez que se constatou por meio das pesquisas encontradas que a identidade de maior visibilidade na sociedade, especialmente retratada nos materiais didáticos, é a do homem branco, heterossexual. Esse é um dado importante a se refletir, considerando que que a escola recebe sujeitos distintos de gênero, de raça e de sexualidade que passam por muitas formas de violência, se sentindo excluídos e invisibilizados, principalmente no espaço escolar. Sendo assim, são necessárias pesquisas que tematizem isso. Também foi possível constatar que a sala de aula de línguas, podem se tornar um instrumento importante para romper com o sofrimento das identidades de gênero, de raça e de sexualidade, desconsideradas muitas vezes pela escola e pela família, uma vez que o domínio dessa língua garante acesso a bens materiais, culturais e simbólico (DIAS; MASTRELLA-DE-ANDRADE, 2015).

Assim, sala de aula de línguas é um espaço essencial para construir significados por meio da leitura, compreensão oral, fala e produção escrita, ou seja, é o espaço de aprender a utilizar a língua como um instrumento para a prática social (MOITA LOPES, 2002), tornando a sala de aula de línguas em um ambiente de questionamento e reflexão.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Feminismo: Que História é Essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 09 - 103.

_____. **Educar Meninas e Meninos: Relações de Gênero na Escola.** São Paulo: Contexto, 2006, p. 07 – 95.

AZEVEDO, Aline da Silva. A Sala de Aula de Língua Estrangeira como Fórum de Discussão sobre as Identidades de Raça: Compartilhando uma Experiência Intervencionista. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Identidades Sociais de Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade: Práticas Pedagógicas em Sala de Aula de Línguas e Formação de Professores/as.** Campinas, SP. Pontes Editora, 2012, p. 51 - 76.

BARROS, Jaqueline da Silva. **Identidades sociais de classe, gênero e raça/etnia representadas no livro didático de espanhol como língua estrangeira.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013,

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquetude no Brasil.** In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (Org). **Psicologia Social do Racismo.** Petrópolis, RJ, Vozes, 2002, p: 25- 57.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo, Fatos e Mitos.** 4. Ed. [Tradução de Sérgio Milliet]. Difusão Européia do Livro, 1970.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

BUTLER, Judith P. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. 3. Ed. [Tradução Renato Aguiar]. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2010.

CAETANO, Daisy Luzia do Nascimento Silva. **Trabalho de Mulheres em Goiânia - Go - 2014**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Geografia (RC) Universidade Federal de Goiás- Catalão - Goiás- Brasil.

CAVALLEIRO, Eliane do Santos. **Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil**. 6 Edição. São Paulo. contexto, 2014.

CARNEIRO, Aparecida Suelaine. **Mulheres e Educação: Gênero, Raça e Identidades**. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, Sorocaba, 2015.

CRUZ, Edna Sousa. Entre as Lutas, as Letras a Cor: Professoras Negras de Inglês Contam suas Histórias. In.: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org). **Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas, SP. Pontes Editora, 2015, p: 185 - 208.

DIAS, Romar Souza e ANDRADE Mariana R. Mastrella de. Narrativas de Professores/ Identidades Sociais de Raça e Classe no Processo de Ensino-Aprendizagem de Inglês. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.) **Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas, SP. Pontes Editora, 2015, p. 77- 103.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Formação de Professores de Língua Inglesa e o Preparo para o exercício do Letramento crítico em Sala de Aula em prol de Práticas Sociais: um Olhar Acerca de Raça/Etnia. **Estudos em Educação**. Vol. 7, n.12, 1 semestre 2006, p. 171-187.

_____. Identidades Sociais de Raça/ Etnia na sala de aula de língua inglesa. In: _____(Org.) **Identidades Sociais de Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade: praticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as**. Campinas, SP. Pontes Editora, 2012, p. 19 - 50.

_____. Narrativas Autobiográficas de Professoras/es de Línguas na Universidade: Letramento Racial Crítico e Teoria Racial crítica. In: _____(Org.) **Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas, SP. Pontes Editora, 2015, p. 127 -160.

FREITAS, Marco Túlio de Urzêda e PESSOA, Rocha. Gênero, Sexualidade e Ensino Crítico de Línguas Estrangeiras: Intersecções com a Formação de Professores/as. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.) **Identidades Sociais de Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade: Práticas Pedagógicas em Sala de Aula de Línguas e Formação de Professores/as**. Campinas, SP. Pontes Editora, 2012, p. 145 - 165.

FURLANI, Jimena. Educação Sexual: Possibilidades Didáticas. In.: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo na Educação**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2013, p. 67-82.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve História do Feminismo**. São Paulo. Claridade, 2011.

GIESEL, Cláudia Cristina Mendes. Uma Abordagem Sociointeracionista Humanizadora para o Ensino de Língua Estrangeiras: Gênero na Sala de Aula. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Identidades Sociais de Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade: Práticas Pedagógicas em Sala de Aula de Línguas e Formação de Professores/as**. Campinas, SP. Pontes Editora, 2012, p. 101 -120.

GOMES, Nilma Lino. Alguns Termos e Conceitos Presentes no Debate sobre Relações Raciais no Brasil: uma Breve Discussão. In.: **Educação Anti-Racista: Caminhos Abertos pela Lei Federal n. 10.639/03** Secretaria de Educação Continuada, Afabetização e Diversidade, 2005, p.39-62.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11. Ed. [Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro]. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p. 07 - 99.

JORGE, Míriam Lúcia dos Santos. Livros Didáticos de Línguas Estrangeiras: Construindo Identidades Positivas. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **As Políticas do Livro Didático e Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Livros Didáticos**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2014, p. 73-88.

LIMA, Roberto Carlos Santana. **Glee : uma Transmedia Storytelling e a Construção de Identidades Plurais**. Dissertação de Mestrado, RI UFBA- Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____, Gênero, Sexualidade e Educação: das Afinidades Políticas às Tensões Teórico-Metodológicas. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, n. 46. Dezembro 2007, p. 201 - 218.

_____.Pedagogias da Sexualidade. In:_____. (Org.). **O Corpo Educado, Pedagogias da Sexualidade**. 2. Ed., Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2000, p. 07-26.

_____. **Pensar a Sexualidade na Contemporaneidade**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Departamento da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Curitiba-SEED-PR, 2009, p. 29-36.

_____. **Um Corpo Estranho - Ensaios sobre Sexualidade e Teoria Queer**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

_____. Currículo, Gênero e Sexualidade - O "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: Um Debate Contemporâneo na Educação**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2013, p. 67-82.

MOITA, Lopes Luiz Paulo da. **Identidades Fragmentadas: a Construção Discursiva de Raça, Gênero e Sexualidade em Sala de Aula**. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2002.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

_____; FABRÍCIO, Branca Falabella. Discursos e Vertigens: Identidades em Xequê em Narrativas Contemporâneas. **Veredas. Rev. Linguística**. Juíz de Fora. V.6, n. 2. p. 11-29, Julho-Dezembro, 2002, UFRJ.

MELO, Glenda Cristina Valim de, ROCHA, Luciana e JÚNIOR, Paulo Melgaço da Silva, Raça, Gênero e Sexualidade Interrogando Professores(as): Perspectivas Queer sobre Formação Docente. **Poiésis**, Tubarão. v.7, n.12, p. 237-255. Junho-Dezembro, 2013, p. 238- 255.

_____; LOPES, Luiz Paulo da Moita. Ordens de Indexicalidade Mobilizadas nas Performances Discursivas de um Garoto de Programa: Ser Negro e Homoerótico. **Linguagem em (Dis)curso - LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 3. setembro-dezembro, 2014, p. 653-673

MELO, Glenda Cristina Valim de. O Lugar da Raça na Sala de Aula de Inglês. **Revista da ABPN**. v. 7. n.17. Julho-outubro, 2015, p. 65-81.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um Aprendizado pelas Diferenças**. Belo Horizonte. Autêntica Editora. UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.

NELSON, Cynthia D. Narrativas Queer da vida em sala de aula: lições intrigantes par aos estudos da linguagem. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Narrativas Autobiográficas de Identidade Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p. 235 - 258.

PARKER, Richard. Cultura, Economia Política e Construção Social da Sexualidade. In.: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O Corpo Educado, pedagogias da Sexualidade**. 2. Ed.. Belo Horizonte. Editora Autêntica, 2000, p. 92-112.

RYAN, Caitlin; DIXSON, Adrienne D. Repensar a Pedagogia para (re)centralizar Raça: Algumas Reflexões. In.: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Narrativas Autobiográficas de Identidade Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p. 105- 126.

SANTOS, Marcelo Sousa. **A Construção de Identidades no Livro Didático de Língua Estrangeira: uma perspectiva crítica**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada).Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira. Marcas Enunciativas nos Temas Transversais: O Volume Orientação Sexual. In: FERREIRA, Aparecida de Jesus; SILVA, Ione Jovino da; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira (Orgs.). **Um Olhar Interdisciplinar acerca de Identidades Sociais de Raça, Gênero e Sexualidade**. Campinas, SP. Pontes Editores, 2014, p. 83- 102.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In:_____. **Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013, p. 73-102.



Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.37.2, p. 171-334, jan.-abril.2018.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista; TEIXEIRA Rozana; PACIFICO, Tânia Mara. Programas de Distribuição de Livros e Hierarquias Raciais: O que dizem os alunos negros/as. In.: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **As políticas do Livro Didático e Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Livros Didáticos**. Campinas, SP. Pontes Editores, 2014, p. 23- 46.

SILVA, Sérgio Luiz Baptista da. Sexualidade na Escola: Quem uer e pode falar sobre isso? In.: FERREIRA, Aparecida de Jesus; SILVA, Ione Jovino da; SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira (Orgs.) **Um Olhar Interdisciplinar acerca de Identidades Sociais de Raça, Gênero e Sexualidade**. Campinas, SP. Pontes Editores, 2014, p. 83- 102.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n 2, julho/dezembro 1995, p. 71 - 99.

TILIO, Rogério. A Construção Social de Gênero e Sexualidade em Livros Didáticos de Inglês: que Vozes Circulam? In: FERREIRA, Aparecida de Jesus, (Org.) **Identidades Sociais de Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade: práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores/as**. Campinas, SP. Pontes Editora, 2012, p. 121 - 143.

TOLEDO, Livia Gonsalves. “Será que eu tô gostando de mulher?”: **tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 2013.

URZÊDA-FREITAS, Marco Túlio. **Pedagogia como transgressão: Problematizando a Experiência de Professores/as de Inglês com o Ensino Crítico de Línguas**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2012.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes, (Org). **O Corpo Educado, Pedagogias da Sexualidade**. 2. Ed., Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2000. p. 27 - 63.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais**. 13. Ed.. Petrópolis, RJ. Vozes, 2013. p. 07 - 72.